

ADVERTÊNCIA

(Original em 3 atos de Erico Cramer)

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA.

Bepo - (Sotaque italiano) Buona notte para tutta gente. Io sono Bepo. Sono vendedore de verdura con una chacara lá na Strada da Anunciaçõ, don de cultivo unos pedacinho de terra que eu comprê com o suore do mio rosto e colho diapois as verdura que saio a vendê, na minha sacrosin nha, nas casa de tutta gente da cidade. (Pausa e tom) Eu vou contá aqui una historia que pode sê ouvida por todos, mas que deve de ser meditada, principalmente, pelos pai e pelas mãe que me estão escuitando, pra que não aconteça um dia, pra eles, por força de una desmedida ambição, o que está me acontecendo hoje. (Pausa) Muito bem. A historia vai começá. (Pausa e tom, narrando) Quando eu perdi a Gesária, e minha mulher - que Deus a tenha - eu tinha a minha Carmela pequenina. Era a minha única filha, e ficou sendo tambem, desde aquele dia, o único e verdadeiro afeto do meu coração. Como não tinha ninguém que eu achasse suficiente para cuidar da minha menina, ela se começou a sair comigo na carroça das verdura, todas as manhã, que era pra podê está sob os cuidado dos meus ôlho vigilante. Quando ela já estava com quatorze ano, a D. Engracia, uma vizinha da chácara ao lado da nossa, viuva de um patricio meu, o Giuseppe, um certo dia me falô assim:

Engracia - (tipo de mulher do povo, um tanto rude, tambem sotaque italiano)  
Óia aqui, vizinho Bepo, o senhor me desculpa, non é? Eu no tenho nada que vê com isso... cada um manda na sua casa e faz dos filho aquilo que quê... mas é que eu fico sem muita pena da Carmelina tá sendo criada assi.

Bepo - Assim? Ma assi como, vizinha?

Engracia - Ora como, seu Bepo? O senhor está criando a Carmelina do mesmo jeito que fôsse um guri. Trepada todo o santo dia nessa carroça, pulando pra baixo, subindo pra cima, levando baliao de verdura pra os fregues, discutindo per causa de preço, xingando os guri que bole com ela... A gente fica com dó de vê uma menina tom bonitinha parecendo um mole que de rua.



Bepo - Que foi que a senhora disse?! Um moleque de rua?! A minha filha, a minha Carmela um moleque de rua?

Engrácia- O senhora me desculpa, vizinho... eu no tenho nada com isso, mas a verdade é essa. E se a Zuzada Cesária visse uma coisa dessa, ela ia ficar triste.

Bepo - (pensativo) Um moleque de rua!... Minha filha um moleque de rua!... (Pausa e tom) Tem razão, vizinha Engrácia, tem razão! A minha filha é um moleque de rua, mas... a senhora compreende... eu fico com pena de deixá-la sosinha em casa... Ela gosta de sair com o pai...

Engrácia- Eu sei, vizinho, que o senhor faz isso de bom, mas vai prejudicá-la muito a menina. Ela não sabe lê nem escrevê. Só sabe fazer conta pra dá o troco pros freguesis... Si um dia ela chegá a se casá, não vai sabê nem assiná o nome. O senhor devia de mandá essa mininá pra um collegio pra ela tomá jeito de gente. Mais dois ou três ano ela já tá uma moça e depois fica aí que nem eu: uma burra que nem sabe falá direito. Isso é muito triste.

Bepo - Tem razão, vizinha; tem toda a razão mas o que é que eu posso fazer agora?

Engrácia- Botá ela num collegio desses que as menina dorme e come lá mesmo, que é pra ela aprendê a tomá jeito.

Bepo - Ela não vai querê.

Engrácia- Mas aí está no senhor fazê ela vê que tem que ir; que é pro bem dela.

Bepo - A minha Carmela tem a cabeça dura, a senhora pensa? Em todo o caso eu vou falá pra ela. Pode sê... (Pausa - Narrando) As palavras de dona Engrácia não me saiam da cabeça. Minha filha um moleque de rua! Eu não podia consentir que dissessem isso da minha Carmela. Não podia. E Cesária, realmente, devia estar triste comigo - eu pensava - porque não era aquela a vida que ela tinha sonhado para a nossa filha. (Pausa e tom) Entrei pra casa abatido e preocupado. De noite, antes que ela se recolhesse pra o seu quarto, eu resolvi falá pra ela no assunto. (Pausa - dialogando) Carmela, minha filha, o papai precisa falá contigo.

Carmela - (sem notas) Que é, pai?

Bepo - Minha filha, tá já tá ficando uma moçinha e precisa aprendê a lê e



a escrevê que nem as outras meninas da tua idade.

Carmela - Ah, pai, eu não quero. É muito chato.

Bepo - Eu não pergunto si é chato ou si é ridondo, tô dizendo que tá precisa aprendê a sê gente. Ou tá qué te criá que nem bicho, eh?

Carmela - Eu quero é te ajudá, pai, e si eu vó pro colejo eu não posso sai na carroça contigo.

Bepo - Mas tú já tá uma menina muito grande prá andá dipindurada na carroça das verdura, filha mia. Deixa que o papai agora fais isso susinho e tú vai pro colegio aprendê a lê e a iscrevê. Qué?

Carmela - Não quero, não, pai. Aprendê a lê e a escrevê pra que? Eu sei fasê conta chega.

Bepo - Mas minha filha, dispois tú fica moça grande e toda gente vai falá que tú é burra.

Carmela - Não me importo que fale. Nem dô ganja.

Bepo - Mas toda gente vai dizê que o papai não te mandô insiná. Fais falta.

Carmela - Não quero, pai. Me deixa eu assim que eu tô muito bem.

Bepo - Bom... si é pela tua vontade... O papai deseja que tú aprenda a sê gente prá podê tã uma vida melhore.

Carmela - Mas eu não preciso de vida malhor, pai. Eu já te disse que eu tô bem assim. Eu gosto é de sai na carroça contigo e tá sempre perto de ti. Tú tá querendo me botá eu pra longe, ó?

Bepo - Não, minha filha adorada. Tú sabe que não, minha Carmela querida. O papai te adora e tú sabe muito bem que tú estando perto dele ele tá sempre feliz e contente, mas acontece que o pai tem responsabilidade sôbre o futuro dos filho e eu não quero, mais tarde, tã remorso de não tã cuidado melhor do teu futuro.

Carmela - Não, papai, tira isso da cabeça e deixa a gente ficá como tá.

Bepo - (Depois de pausa, narrando) Diante das palavra de Carmela, eu no pode fasê nada. Eu não sabia dizê "não" pra a minha filha. Tudo que ela queria eu sempre fazia e foi assim que deixei as coisa ficá como eg tava. Mas a coruja da vizinha Engrácia tava sempre agourando:

Engrácia - Ela ainda vai se arrependê o sinhore tambem, vizinho Bepo. Onde já se viu uma moça bonita como a Carmela não sabê lê nem iscrevê?



Bepo - (narrando) E tanto ela me atucanô por causa dessa coisa que um dia eu perdi a paciência e dei um foguete nela. (Dialogando) Deixa, vizinha, deixa. Não me atucana mais a cabeça por causa dessa porcaria. Porca miséria!...

Engrácia - Bem, vizinho, eu não falo por mal. O senhor sabe que eu quero muito bem a Carmela. O finado Giuseppe, o meu marido, também queria tanto ela... A gente tem pena.

Bepo - Mais si ela no quê, o que é que a senhora quê que eu faça? Que rompa a faccía dela com uns cacetada? Não posso.

Engrácia - Tá bem, vizinho, não precisa se aburrecê cumigo. Eu falei de boas tenção, agora... si ele é que no quê... o senhor não pode mesmo fazê nada.

Bepo - (narrando) O D'guete deu resultado. Dona Engrácia no se meteu mais se com a minha filha e a vida continuou, pra nós, igual como sempre. De manhã cedinho nós dois se levantava, lavava o rosto, tomava o café e depois lá se ia na carroça das verdura. E enquanto o burrico Raffaelo seguia no seu tranquinho, eu ia chamando a freguesia que corria tudo nas portas e nas janelas: (Pregão) Olha a cinora, olha a vage... o rabanete, a batata... na carrocinha do Bepo, sempre é boa e mais barata!... (Narrando) E assim mais dois ano se passaram naquela vidinha e a Carmela ficando cada vez mais crescida e mais bonita. Uma noite ela me disse assim:

Carmela - Pai, tã quê sabê duma coisa? Eu arrumei um namorado.

Bepo - (dialogando) Um namorado? Quem é ele?

Carmela - O caixeiro do armazem São Vicente. Aquelle moreninho que sempre fala com a gente na carroça.

Bepo - (frio) Já sei qual é.

Carmela - (depois de pausa) Tá fiô com uma cara tão enjoada, pai. Tá não gostô?

Bepo - Bem... que é que eu posso dizere? Não tenho nada contra o rapaiz. Ele trabalha... ganha a vida honestamente... mas não era um caixeiro de venda que eu desejava para casar com a minha filha. E depois... tem ainda uma coisa: eu me lembro que se um dia tã te casa, a gente pode se separã.



Carmela - Não, pai. Isso tá não precisa tê medo que não vai acontecê. Só o que pode acontecê é que aí, em vez de sê dois a sai na carroça, a gente saia em três. Separá nóis não tem pirigo.

Bepo - Ah, minha filha querida, que bem que me fais ouvi essas tuas pala vras! Tante grazzia, figlia mia! Tante grazzia. (Pensa - narrando) Bom... depois de alguns meses em que o namoro corria normalmente, a Carmela começou, de repente, a não querê mais passá com a carroça na frente do armazem. Fasia eu sempre desviá do caminho. Um dia eu perguntei pra ela: (dislogando) Que é que há, Carmela?

Carmela - É que eu não quero mais namoro com ele, sabe pai?

Bepo - Não qué mais? Por que? Ele te feiz alguma coisa?

Carmela - Não, pai, ele não me feiz nada, mas eu arrumei outro namorado que eu achô muito melhor do que ele.

Bepo - Otro namorado?!!!. Tu arranjô outro namorado?!!... Por la Mãona que tá no dorme nas palha, hein Carmela? Tá sedu bem o teu pai quando era moço. (ton) E quem éxx esse, outro namorado que tá arranjô, hein?

Carmela - Aquele estudante que mora naquela sobrado côr de rosa, daquela chácara lá perto da noasa. Tá sabe qual é?

Bepo - Si, si, sei Carmela, sei. Mas aquilo é gente de classe; é gente rica, minha filha.

Carmela - Pois então? Tá não acha melhor?

Bepo - Bom, qué diss... Que é melhor é melhor, não se pode negare. O dinheiro sempre é o dinheiro. Mas tá precisa vê que ele no esteja fazendo tá de brinquedo, hein? Os rapais rico sempre fais essas coisa.

Carmela - Não, papai, ele diz que gosta muito de mim e pelo geito eu acho que ele gosta mesmo.

Bepo - (narrando) Bom... se passaram mais três meis e a Carmela sempre ani nada com o namoro. De repente gerrô de ficô triste e eu no sabia por que. Perguntava... perguntava... e ela sempre com a mesma resposta:

Carmela - (triste) Não é nada, pai. Não tenho nada.

Bepo - (Narrando) Um dia eu agarrei ela conversando com a dona Engrácia, no fundo da chácara. Fiquei de longe, por trás de uns pé de goiabeira, olhando o geito das duas. De vez em quando a Carmela levava a mão



nos olho e enxugava as lágrimas. Fiquei danado de aflito com a situação e, depois que elas se separaram, fui logo procurar a dona Engrácia pra sabê o que tava acontecendo. E a vizinha falou:

Engrácia - Na bem que disse pro senhora, seu Bepo, que o senhora devia mandare educare a Carmela e o senhor no ligon pras minhas palavra. Agora tá aí.

Bepo - (dialogando) Tá aí o que, vizinha? Fala, por Douze. Eu não posso sabê que a minha Carmela tá sofrendo, sem procurar fassê alguma coisa por ela. Que foi que aconteceu, dona Engrácia? Diga de uma veize.

Engrácia - Aconteceu o que eu tava esperando que um dia ia acontecê. Ela tava de namoro com o vizinho do o sobrado oôr di rosa; o senhora sabia?

Bepo - Sabia, como nê? Ela me contô tudo quando começou.

Engrácia - Mas sabe o que aconteceu depois?

Bepo - Ora, vizinha, si eu sabbesse no estava aqui lhe perguntando. Bolas!

Engrácia - Aconteceu que o rapaize tava mesmo gostando dela.

Bepo - No é nenhum milagre. A Carmela é bonita pra xixá.

Engrácia - Pois é, mas sê bonita só não chega, vizinho Bepo, e aconteceu que a familia do rapais descobriu o namoro e aí deu-se a confusão.

Bepo - Ma confusione perchê?

Engrácia - Perchê... Perchê... Por causa daquilo que eu disse pra o senhora.

Bepo - Mas aquilo o que, vizinha? Fala, por favore e nom fais boquinha.

Engrácia - A dona Severina chamou o rapaize...

Bepo - (porta) Quem é a dona Severina?

Engrácia - A mãe do rapais, vizinho.

Bepo - Ah! Eu no sabia que ela se chamava Severina. Sempre ouvi dizere "a dona do sobrado"... "a dona do sobrado"... No sabia que se chamava así. Mas o que foi que ela disse pra ele?

Engrácia - Disse que no queria o namoro porque ela no ia dexá o filho se casá com uma ignorante que no sabia nem assiná o nome dela.

Bepo - Disgraçadê!

Engrácia - E tanto falô... tanto falô... que o rapaize acabô se convencendo que ele tinha razão e acabou com o namoro.

Bepo - (depois o pausa) E como foi que a senhora soube dessas coisa tudo?

Engrácia - A Carmela me pediu pra eu falá com ele pra sabê as razão. Eu falei e ele no disse.



Bepo - Bobalhão! Palhaço! Adonde que ele vai buscá uma moça mais bonita do que a minha filha? Adonde?

Engenheira - Mas a gente rica no está fazendo quistão de beleza, vizinho. Eles que moça bem lida... moça de preparo... (TOM) E eu bem que avisei o senhor um dia. O sinhore no quis me ouvir... agora tá aí.

Bepo - (Narrando) Ouvindo aquelas verdade que me queimava a cabeça e martela va o coração, eu voltei pra casa triste e acobrunhado. E eu que sem pre tinha procurado fazê tudo pra alegria e felicidade da minha Car mela, tava vendo ela chorá pelos canto e não podia fazê nada. (Pausa e tom) Desesperado com a situação, chamei a Carmela pra botá todas as carte na a mesa. Ela começô procurando escondê a verdade, mas vendo que eu já sabia de tudo, acabô por me confessá o seu sofrimento.

Carmela - (chorando) Eu tô sofrendo tanto, pai! Tanto! que tá nem sabe!...

Bepo - Pobre da minha filha!...

Carmela - Eu não vó te escondê que gosto dele e que tô sofrendo por perdê ele, mas tú sabe, pai, o que mais me dóe?

Bepo - Fala, filhinha, fala. É bom quando a gente pode desabafá.

Carmela - O que mais me dóe é a dona Severina tê chamado eu de inguinorante!

Bepo - Velha desgraçada! Porcaria de velha!

Carmela - Mas ela tá com a razão, pai. Eu sô mesmo uma inguinorante. Eu não sei nada! (Chorando muito) Eu não sei nem assiná o meu nome, pai! Eu sô uma burra, uma chacra. E eu não queria mais sê, pai. Eu não queria mais sê!... (Solucos continuos)

Bepo - (contando os soluços) Tá bem, minha filha, dexa. No te importa. Nem tudo está perdido. Tú agora vai pro collegio aprendê a sê uma moça prendada. O papai vai sofrê, sozinho, sem tú aqui pra fazê companhia pra ele aqui dentro de casa e na carroça, mas não tem importância na da disto. O que tem importancia é que tú vai ficá uns ano dentro do collegio e quando tú voltá, tú é que vai olhá de cima esses vagabundo e não vai dá confiança pra eles. Nesse dia, quando a velha Severina e mais o samvergánha do filho dela viê falá contigo, tú é que vai virá a cara pra eles. Não ha nada como um dia depois do otro, minha filha, e esse dia há de chegá pra nós dois, minha Carmela. Pode is crevê o que o papai tá dizendo agora: Esse dia ha de chegá!



LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - ABERTURA MUSICAL PARA O 2º ATO.

Bepo - (narrando) Minha filha, na ânsia de aprendê ou no desejo de esquecê - sei lá! - foi pro collegio das Irmãs em São Paulo e o Bepo ficou sosinho durante cinco ano que no acabava mais de passá. No fim desse tempo, um certo dia, veio um telegramo avisando que ela ia chegá. Foi um alvoroço pro meu coração cansado de tá sosinho e chorando saudade. Nesse dia os meus freguezis ficaram sem verdura. Não sei na cerrocinha. Botei as minhas calça melhor, a minha camisa de flanela verde garrafa, os meus tamenco de passeio, o cinturão de medalha e fui pra estação esperá, dês de cedo, o trem que ia chegá no o ponto do meio dia. (Segue a narração, sem interromper)

OPERADOR - TREM VINDO DE LONGE, CHEGANDO E PARANDO.

ESTÚDIO - MURMÚRIOS CARACTERÍSTICOS DE ESTAÇÃO DO INTERIOR, EM B/G.

Bepo - (narrando) Quando o trem chegou e eu avistei a minha Carmela, quasi que não conheci ela. Si ela não se dirigisse para mim, era capaise que eu tivesse dexado ela passá sem sabê que era ela.

Carmela - (afastada) Eh, papai? Estou aqui? Será que não me conheces mais?

Bepo - (emoção, voz trêmula, quasi chorando) Carmela! Carmela!... Filha mia!... Que tempo comprido que não acabava mais de passá!... Minha filha! Minha filha!... (Pausa e tom) Deixa o papai ficá um pouquinho assim abraçado contigo, pra matá bem esta saudade que castigou tanto o coração dele!... (Pausa) Filha adorada! Filha querida!... Que bom que tá veio de novo! Eu tinha medo que tá no ia mais querê vi.

Carmela - Ora essa, papai. Por que?

Bepo - Nas férias tá nunca quis...

Carmela - Não valia a pena gastar dinheiro, si eu tinha uma porção de colegas que me convidavam. Estive em fazendas... veraneios de praia... Tô vês, eu aproveitava sem gastar. Mas eu sentia saudades, sabes papai? (TOM) Como 'e que vão as coisas por aqui?

Bepo - Antes, tudo mal. Tudo muito mal, minha filha, mas agora... Agora vai tudo bem outra vez. Tudo muito bem. Quando estivermos os dois junto, tudo irá sempre muito bem.

Carmela - Eu ainda espero ficar contigo bastante tempo, papai.



Bepo - E eu espero que a gente nunca mais precise se separar, minha filha. Doia tanto no meu peito a nossa separação! Tanto! que eu nem sei como pude resistir tanto tempo!... (TOM) Mas tu sabe que tu tá disgraçada de bonita, minha filha! Bonita pra cachorro! Mais bonita do que nunca! E elegante também, porca miserável!...

Carmela - (sorriso mas censura) Papai!

Bepo - Vestida como uma moça fina! Desses grito tu vai virar a cabeça de muita gente. E por falar nisso, minha filha - tu ainda te lembra daquele cara de pepino assado que era teu namorado?

Carmela - (sorriso) Não, papai. Custou-me um pouco esquecê-lo - é verdade - mas hoje... nem me lembro mais que ele tivesse passado pela minha vida.

Bepo - É bom, minha filha, é bom. Isso que é bom.

Carmela - É a este respeito - sabes? - tenho grandes novidades para te contar. Mas vamos andando que eu estou ansiosa para chegar em casa e me pôr à vontade.

Bepo - (narrando) Fomos embora para casa e durante toda aquela tarde e o resto da noite não paramos mais de conversar. Eu repetindo sempre a minha saudade, ela me contando os menor detalhe de sua vida no Colégio. (Pausa e tom) No outro dia, outra vez eu deixei os fregueses sem verdura pra podê tá perto da minha Carmela e continuei a conversa ininterrupta na vespere. Lá pelas tantas do assunto, ela me disse assim:

Carmela - Sabe, papai? nós agora vamos ter que fazer um reforma completa aqui nesta casa.

Bepo - Uma reforma? Ma perchê?

Carmela - Porque isto não passa de um casebre sem conforto nenhum, papai. São apenas três peças que nem folha de papel. Eu quero que tu mande fazer uma casa de material, com todas as instalações necessárias para eu mesma arrumar como as casas das minhas colegas que conheci em São Paulo.

Bepo - Tá bem, tá bem. Eu farei a reforma, minha filha, eu farei.

Carmela - Mesmo porque, no fim do proximo ano deve estar aqui, de volta dos estudos, um certo rapaz que eu conheci e que, com certeza, virá visitar-me em seguida e eu não desejo que ele tenha uma impressão tão desagradavel da casa onde mora.



Bepo - Tá bem, minha filha, tá bem, mas... quem é esse rapaz?

Garmela - É o filho do cavalheiro Fioravante, por quem ~~meu pai~~ <sup>você</sup> tem tanto respeito e admiração.

Bepo - (chocou) O... o filho do Cavalheiro Fioravante?!... Tá... tá conhece ele, minha filha?!...

Garmela - (sorrindo) Mas claro que conheço! Encontramo-nos em São Paulo, numa exposição de pintura, ele me reconheceu e veio falar comigo. Conversamos longamente, ele foi muito amável e depois daquele dia ele sempre me telefonava lá para o colégio.

Bepo - O filho do Cavalheiro Fioravante?... O homem mais importante desta cidade, Garmela!...

Garmela - Eu sei. Mas agora segure-se para ouvir a notícia ainda mais importante: eu e Vitorio estamos quasi noivos.

Bepo - (gago de espanto) Qua... qua... quasi noivo?!... Não... não é possível, minha filha!... Tá e Vitorio Fioravante... Eu penso que estou delirando...

Garmela - Não está não, papai. Eu estou ~~me~~ <sup>te</sup> dizendo a verdade. Vitorio faz se forma no fim do ano que vem e virá aqui para pedir-me em casamento.

Bepo - (começa a rir, primeiro baixinho e depois crescendo até rir em delírio) Não é certo... não pode ser certo... A filha do velho Bepo esposa do filho do Cavalheiro Fioravante... não pode s... não pode sê... é um sonho das mil e uma noites... (ri bastante. Cessa de rir, de repente e) Eu só quero vê a cara da velha Severina, quando souber a verdade. Ela que não deixou tú te casar com aquele cara de pepino asado do filho dela. Eu só quero vê a cara dela. Tu já pensou, minha filha? Tá já pensou na cara daquela bruxa quando souber que tú vai te casar com o filho do Cavalheiro Fioravante?! Ela vai vê que tú arranjou muito mais dinheiro do que o filho dela pra ti casar. (ri um pouco) (Tom) Vai sê a primeira pessoa que vai recebê a participação do noivado, a velha Severina. A primeira pessoa!... (ri) A primeira pessoa!... (Ri sempre em delírio e vai se afastando do micro até sumirem as risadas. Volta em seguida em tom de narração) E tudo foi como a gente tinha sonhado. O Doutor Vitorio chegou no fim do ano seguinte e foi na minha casa pedi a mão da minha Garmela em casamento. Já encontrô a casa nova, toda arrumada e bonita. Foi um alívio! Eu não cabia dentro de mim, de tanto orgulho



e tanta satisfação! No dia seguinte àquele acontecimento, em todas as casa que eu parava pra vendê as minhas verdura, antes que alguém me perguntasse alguma coisa, já eu ia dizendo: (TOM) "Ho vim ontem porque a minha filha tratô casamento com o doutor Vitorio Fioravante e foi um dia de festa lá na casa do Cavalleiro." (Tom exterior) Realmente tinha havido um grande jantar na palacete do sogro da minha filha, mas eu não tinha comparecido porque a minha filha dizia ter medo de que aquelas comida estranha pudesse me fazê mal pros intestino e eu não quis contrariá a menina. Fiquei de longe, olhavo as luzes acêsa pelôs vidro das janela e vendo os convidado chegá. Passado uns dia do noivado, mi nha filha, uma noite, me disse assim:

Carmela- Papai, eu queris que tú me respondesses a uma pergunta.

Bepo - Muito bem, Pais a pergunta.

Carmela- Tú... tó gostas muito da tua profissão? Do teu modo de vida?

Bepo - Mas tá claro que sim, minha filha. Si eu não gostasse, ninguém me obriga gava a sei na carroça, vendendo as verdura que planto. É uma alegria para mim - tú sabes? - plantá as semente na terra e vê, depois, nascê as verdura... os legume... as fruta... Vê que tudo vai crescendo e a gente cuidando... e quando já tá tudo no ponto da gente arrancá eles da terre, é um orgulho para mim, tirá um ripoelho bonito... uma couve viçosa... uma abóbora bem grande... bem amarella...

Carmela- Bem, papai, eu... eu não quero te pedir demais... Sei que não tenho o direito de te tirar uma coisa que te dá alegria, mas... bem, papai, é o seguinte: eu vou te pedir que quando tú saias na tua carroça, para vender verduras, que tú... que tú não passes mais naquela rua do palacete do meu futuro sogro, sim?

Bepo - (Todo ingenuidade) Mas por que, Carmela?

Carmela- Bem, papai, é que... não é por mal, sabes? Mas é que não falta quem faça pouco de ti... e eu não quero que isso aconteça.

Bepo - Mas fazer pouco de mim, por que? Sou um homem honesto... trabalhador... vivo do meu trabalho, não devo nada a ninguém...

Carmela- Eu sei, papai, eu sei de tudo isto, mas... a sociedade não vê com bons olhos certas coisas e naquela rua moram diversas moças que pretenderam casar com o Vitorio e quando o senhor passa, diz que elas dizem: (TOM)



"Aquele é o futuro sogro do Vitorio, imagina!..." (TOM) Assim, para evitar que elas façam esse comentário todos os dias, o melhor de tudo é que o senhor deixe de passar por lá. Quem não é visto não é lembrado.

Bepo - Eles podiam falar de mim se eu fôsse um ladrão... um vigarista ou um vagabundo. Eu não sou nada disto. Em todo o caso... pra te fazê a vontade e atendê o teu pedido, eu não passo mais com a carroça na frente do palacete do teu sogro.

Garmela - Obrigada, papai. Tô nem sabes o quanto te agradeço esse favor que me fazes.

Bepo - (narrando) Foram cinco meses de noivado da minha filha com o doutor Vitorio. O enxoval dela veio todo da Europa que o Cavalleiro Fioravante mandô buscá. (Pausa e tom) Quando faltavam uns poucos dias para o casamento, eu fui na cidade me prepará. Comprei umas botina amarela, bonita - cento e cinquenta milareis me custô - uma roupa de casimira verde - bonita tambem - uma camisa azul que era uma maravilha, uma gravata incarnada com umas pipoca branca - coisa de loco de tan bonita - e umas meia de seda preta. De seda, hein? (TOM) Cheguei em casa com todas aquelas coisa e fui mostrá elas pra a minha filha. Ela olhô pra aquilo tudo e disse assim:

Garmela - Papai, eu... eu preferia que tú fôsses todo de preto.

Bepo - Mas todo de preto perchô? Eu no estô de luto.

Garmela - Não importa. O preto é sempre uma côr mais distinta, mais discreta. Veste melhor e não chama a atenção.

Bepo - Bom, mas agora... eu já comprei todas essas coisa.

Garmela - Não tem importância. Eu vou nas lojas onde tú compraste cada coisa e peço para trocar.

Bepo - As botina tambem?

Garmela - É claro. Tú não podes ir de roupa preta e botinas amarelas.

Bepo - Que pena! Elas são tão bonita!

Garmela - Mas não ficam nada bem com uma roupa escura, papai. Deixa que eu me encarrego de tudo, tô não precisas te preocupar.

Bepo - (depois de pausa, decepcionado) Tá bem, minha filha. Tá bem. (narrando) Na véspera do casamento eu tomei uma garrafa de vinho que tava meio azedo e doeci dos meus intestino. Passei uma noite safada de



braba, mas já no dia seguinte eu tava cedo de impé. Minha filha, quando me viu levantado, fez uma bruta barulheira e foi me dizendo assim:

**Carmela** - Não, não, não, papai. De maneira nenhuma. Tú vais voltar para a cama e só te levantarás depois que o Vitorio tenha estado aqui e te dê licença para levantar; do contrário, ficarás na cama.

**Bepo** - Mas minha filha, e o casamento?

**Carmela** - Paciência. Si ele achar que tú deves ficar na cama, eu não permitirei que te levantes de maneira alguma.

**Bepo** - Mas minha filha, eu não tenho mais nada... já passou tudo...

**Carmela** - Passou mas pode voltar. Essas coisas são muito traiçoeiras. E não adianta nós estarmos a discutir porque o Vitorio é que vai dar a última palavra.

**Bepo** - (narrando) O meu genro veio logo depois do almoço e demorou apenas uns quinze minutos. Não sei o que eles conversaram porque ele não entrou no meu quarto. Quando ele saiu, minha filha me procurou para me dizer o seguinte:

**Carmela** - O Vitorio acha que tú não deves te levantar e que será uma imprudência muito grande ir ao casamento.

**Bepo** - Ma imprudência perchê, minha filha?

**Carmela** - Porque nós sabemos que tú gostas muito de comer e beber e não vais resistir à ceia que o Cavalleiro Fioravante mandou preparar para obsequiar os convidados. (Tom, rápida) Não, não, papai... não adianta protestar porque tú sabes muito bem que não vais resistir.

**Bepo** - Eu juro por tudo, minha filha. Por Deus, por la Madona, pela memoria de Cesária e pela tua felicidade - que é a coisa que o papai mais deseja neste mundo - que ~~que~~ eu não vó cumê nada, nada, nada.

**Carmela** - Pois si o que tú mais desejás neste mundo é a minha felicidade, faz este pequeno sacrificio por ela. Fica na cama, em repouso, que eu estarei muito mais tranquila, sem a preocupação de estar te cuidando, para ver si tú não bebes ou comes. Essa preocupação seria suficiente para tirar a metade da minha alegria na noite de hoje. (Pensa) Que me dizes? (Nova pausa) Não achas que eu tenho razão?

**Bepo** - Está bem, minha filha. Si é esse o teu desejo... o papai fica na cama



e não vai assisti o teu casamento que elle tava tão contente de i.

Carmela- Eu virei aqui no teu quarto para te dar um beijo e me veres vestida de noiva e daqui a uns três ou quatro dias, quando já estiveres completamente bom, eu te convidarei para irer lá em casa jantar connogoo. (Pausa) Está bom?

Bepo - (narrando) Eu cedia sempre para a minha filha e fiquei na cama. As seis horas da tarde o Cavalheiro Fioravante veio no seu belo carro buscá a minha Carmela pra o casamento civil. Toda a gente da vizinhança se encontrava na frente do meu portão, aguardando a saída da noiva. Ella estava de uma beleza fantastica no seu vestido branco que arrastava uns seis metro de cauda. Parecia uma princesa. Veio no meu quarto me dá um beijo e saiu. Eu não resisti á tentação de vê ella pelo braço do Cavalheiro e pulei da cama pra i ispiá na janela. Quando o carro partiu, donz Engrácia, a vizinha da chácara do lado, entrou pra falá comigo.

Engrácia- Comê, vizinho Bepo? O signore no vai assisti o casamento da a sua filha?

Bepo - Eu tó duente, vizinha. Tive uma indigestão de um vinho azedo que eu tomei onte e a Carmela achô meliore que eu ficasse na cama. Tive medo que eu chegasse lá, começasse a comê e a bêbê e depois estragasse a barriga otra vez.

Engrácia- Ora, vizinho, francamente! Entô isso 'é motivo pra um pai deixá de assistir o casamento da sua única filha? Eu nem que tivesse caído os pedaco me alevantava da cama e ia.

Bepo - Eu bem que quis me alevantá - pensa que nó? Mas nem ella nem o doutore Vitorio quisero dexá. Dissero que era uma loucura. Ficaram com medo.

Engrácia- Ficaram com medo coisa nenhuma. Ao senhor elles enganaro, mas a mim elles não me engana. Elles não quiseram que o senhor fôsse, do mesmo jeito que não convidaro nenhum dos vizinho dela, porque com certeza acharam que a gente ia envergonhá elles lá no casamento. A gente é pobre... não pode se vesti com luxo...

Bepo - Nh, vizinha, no pode sê.

Engrácia - Não pode sê, mas é. O senhor é que é muito bobo, vizinho. Pois si ella teve a coragem de não me convidá, eu que conheço ella de piquinininha e que sempre quis bem ella... Decerto teve vergonha da minha amizade.



Bepo - Não, que nada! Ela com certeza ficou pensando que ia obrigá a senhora a comprá uma roupa nova - que a senhora no podia i assim toda escan galhada como a senhora anda - e decerto pra não dá despesa no convi don. Agora eu já é diferente. Eu comprei toda a roupa nova. Até bo tina eu ia botá que nunca botei. Mas eu no acredito que a minha fi lha ia me fazê uma coisa dessas de no querê que eu fôsse no casamen to dela. No acredito. A minha filha no ia fazê uma coisa dessas pra mim. O pai dela.

Engrácia - É? Pois então o senhor espere pra vê si ela vai aparecê mais aqui na sua casa e si vai convidá o senhor pra i na casa dela.

Bepo - Vai, sim, que ela já combinô comigo pra fazê uma janta assim que eu fique bem bom. Ura janta na casa dela ela vai fazê.

Engrácia - Vai nada. Ela agora tá toda orgulhosa e o senhor vai vê que ela nem vai conhecê mais a gente.

Bepo - (Zangado) Dona Engracia, eu no admito que ninguem venha aqui na mi nha casa, pra diê essas coisa da minha filha. Si a senhora no qué calá a boca, vá saindo pra a rua que na minha frente eu no deixo a senhora falá mais.

Engrácia - Tá bem, eu vô mimboza. (Saindo) Mas o senhor ainda vai vê que tudo que eu tô dizendo hoje é verdade. O senhor ainda vai vê.

Bepo - (gritando, indignado) Cala essa boca, bruxa desgraçada. Vibora! Tá tá é com inveja da minha filha e qué vê a minha cavera, mas tá não ha de tê esse gosto, bruxa velha. Tú não ha de tê esse gosto. (Pausa e tom) Dixê que a minha filha não vai mais querê sabê de mim!... Que bobage!... Isso até tem graça da gente ovi!... (começa a rir) Quan ta bobage, Deus meu!... A minha Carmela não querê sabê.... (desata a gargalhar) É da gente morré de riso, uma bobage tão grande!... (Ri mais) É da gente se escangalhar todo de tanto rir!... (Gargalhadas)

OPERADOR - AO SINAL DO ESTUDIO, CARACTERISTICA FORTE PARA ENCERRAR O 2º ATO.

LOGUTOR - PUBLICIDADE

OPERADOR - ABERTURA PARA O TERCEIRO ATO.

Bepo - (narrando) Passô o casamento e no dia seguinte eu esperei a visita da minha filha. Ela não veio. Esperei o segundo dia. Ela também não veio. Esperei o terceiro. Nada. Eu não podia mais de impaciência e



fui na casa dela. Estava tudo fechado. Fiquei muito aflito e fui no o palacete do Cavalheiro. Ele me mandô diçê, pelo criado, que se noivo tinha ido fazê uma viage de nupcias e que ia demorá uns treis ou quatro meis. Eu fiquei desconcertado. Minha filha ia fazê uma viage de treis ou quatro meis e non se despedia de mim? Como podia sê uma coisa dessa? E logo as palavra da velha coruja viero nos meus ouvidos:

Engrácia - O senhor ainda vai vê que tudo que eu tô dizendo hoje é verdade. (afag-tando) O senhor ainda vai vê. O senhor ainda vai vê.

Bepo - (forte, quasi gritando) Não é mentira. Decerto ela não quis se despedi do mim porque sabia que eu ia ficô triste... que eu ia senti falta... (narrando) Mas naquela altura dos acontecimento, as minhas idéias já tá vam dançando na minha cabeça, numa confusão dos diabo. Me atirei com vontade ao trabalho para que o tempo passasse mais depressa, mas era bobage. Ele passava devagar, como sempre, e eu cada vez com mais saudade da minha Carmela. Quinze dia, vinte dia, um meis, dois meis... e nada. Nem um cartão da minha filha pra me diçê adonde que ela andava. De vez em quando eu ia no palacete do cavalheiro pra pedi noticia. Ele sempre me mandava diçê pelo criado que ela ainda ia demorá mais um pouco. (TOM) Um dia eu tava na horta colhendo as minhas cenora, quando a vizinha Engrácia apareceu do outro lado da cerca.

Engrácia - E então, vizinho? Onde é que anda a sua filha?

Bepo - Viajando. Sairo de viage de núpcia e ainda no retornaro.

Engrácia - E adonde que ela foi? Pra Oropa?

Bepo - Si... acho que si.

Engrácia - Acha? Por que acha? Ela no disse pra o sinhore adonde que ela ia?

Bepo - Bom, qué diçê... Ela mesmo no tinha certeza adonde que ela ia... no po dia diçê.

Engrácia - (extranhando) E no escreveu nenhuma carta pra o sinhore, dizendo adon-  
de que tá agora?

Bepo - Bom, ela... (mentindo) ela escreveu, sim, mas não falô nisso.

Engrácia - Uê!... Que coisa!... E ela não disse nem quando vem?

Bepo - Disse, sim. Disse que vem querqué dia.

Engrácia - Já fais quasi treis meis que ela foi; não fais?

Bepo - Não! Que treis meis, que nada! Fais dois meis e poco.



Engrácia - Ela veio aqui se despedi do senhor?

Bepo - Ela?... Ela... (mentindo) veio, sim. Ela veio.

Engrácia - E como é que eu não vi? Foi de manhã ou de tarde que ela veio?

Bepo - (Já impaciente) De noite, dona Engrácia. De noite.

Engrácia - Ah, então foi por isso. Eu cuidei uma porção de dia e nunca vi..

E o marido dela também veio com ela ou ela veio sosinha?

Bepo - (impaciente) Ele veio também, visinha, ele veio.

Engrácia - Agora vamo vê si na volta eles continua a aparecer.

Bepo - De certo continua. Por que não vão aparecer?

Engrácia - (duvidando) Eu não sei, não... Ainda quero vê pra acreditar. Depois daquela que eles fizeram de não deixá o senhor assisti o casamento...

Bepo - Como no deixá? Eu tava doente, dona Engrácia, no podia me levantá la cama. (TOM) E agora por favore deixa-me em paz, tá bem? Deixe-me em paz! Deixe-me em paz!...

Engrácia - Tá bem, visinho, tá bem. Eu não tô dizendo isso por mal... mas que é triste uma filha não fassê caso do pai, é. E de mais a mais um pai coço a gente sabe que o senhor foi. Um home que fez todos os sacrificio pra mandá ela estudá e se iducá. (TOM) Mas o mundo é assim mesmo: tá cheio de ingratidão! (afastando) Cheio de ingrati-  
dão!

Bepo - (Narrando) Aquela conversa com a coruja agourenta aumentou ainda mais a confusão das idéias na minha cabeça. Eu não queria acreditar nas coisas que ela me dizia, mas vorta e meia o punhal da desconfiança entrava no meu coração que batia mais forte como que prá espantá os meu pensamento, parecendo essas pessoas que tão com medo da escuridão da noite e fala bem alto, sosinha, pra espantá o medo. (TOM) Quando já passava dos três mais que a minha filha tinha viajado, uma tarde, quando eu voltava com a carroça das minhas verduras e ia entrando na chácara, a visinha Engrácia tava perto do portão à minha espera.

Engrácia - E então, visinho? Tem tido noticia da Carmela?

Bepo - Tenho, sim.

Engrácia - Ela vai bem?

Bepo - Vai muito bem. Maravilhosamente.

Engrácia - Onde é que ela anda agora?



Bepo - Nos Estados Unidos, parece.

Engrácia - E vai demora por lá?

Bepo - Uns quinze, vinte dia.

Engrácia - De lá ela volta?

Bepo - Volta, dona Engrácia.

Engrácia - Quando é que chega, mais ou meno, o senhor não sabe?

Bepo - Isso no sei porque no me dizem como vem. Se vem de avião leva poucas dia, na si vem de vapore já demora bastante mais.

Engrácia - De todo o jeito, quando é que o senhor calcula, mais ou meno que ela deve de tá por aqui?

Bepo - Bem... penso que até no fim do mês ela deve de chegá.

Engrácia - Com certeza ela vai lhe trazer muitos presente, o senhor no acha?

Bepo - Ih, vai trazer um bando de coisa! Diz que comprô ropa pra mim na Italia... sapato na Inglaterra... um goxro de lã na Suissa, uns conha que na Francia... uns lenço na Hespanha... tanta coisa que eu já tô pensando adonde que eu vô arrumar lugar pra butá tudo isso.

Engrácia - Pois é. Mas será que tudo isso vem mesmo?

Bepo - Mas claro que vem, fra essa! Por que não ha de vir? A minha filha é rica... disse que comprô...

Engrácia - Escuta aqui, vizinho Bepo, o senhor soube que houve uma festa no palacete do Cavalleiro Ficravante a semana passada?

Bepo - (não sabe) Uma festa? (Pausa pequena, Mente) Sei, sei... claro que sei... Eu fui convidado ma no pude ire.

Engrácia - Dizem que foi uma festa de estrondo, sabe?

Bepo - Dizem que sim.

Engrácia - E o senhor sabe por que foi que eles deram essa festa?

Bepo - Porque quiseram dá. Gente rica faz festa quando tem vontade.

Engrácia - É? Mas não foi por isso, não.

Bepo - No foi por isso? Ma então por que foi?

Engrácia - Pra festejá a chegada da a sua filha e do seu pai que tavan na Argentina e chegaram a semana passada.

OPERADOR - RAJADA MUSICAL FORTE, SEM CONTAR A CENA.

Bepo - O que?!... Como foi que a senhora disse?!...

Engrácia - Que eles fizeram essa festa na semana passada, pra festejá a volta



de suu filha e do seu genro que chegaram da Argentina.

Bepo - (violento) No é verdade. É mentira o que a senhora tá dizendo.

Engrácia - Mentira? Eu tô dizendo mentira? Mentira era o senhor que tava dizendo aí. Fais quatro ou cinco dia que eles já chegaro e o senhor nem sabia. Si acha que tô dizendo mentira pode perguntá pra quem o senhor quisé.

Bepo - (depois de pausa, abatido) Isso não pode sê verdade. Não pode sê verdade. Eu não posso acreditar... nem posso...

Engrácia - Pois então o sinhore vá lá sabê e depois me diga si eu tô mentindo.

Bepo - (depois de pausa, narrando) Voltei com a carroça na mesma hora e me dirigí para o palacete do Cavaleiro Fioravante. Durante o caminho a minha cabeça fervia. Deixei a carroça na esquina, desci e bati na porta. Veio o empregado. Eu perguntei si era verdade que a minha filha e mais o doutor já tinham chegado e ele me disse que sim. Que fazia três dia que elas já tavam na terra. Fiquei danado de brabo e comecei a fazer um barulho tremendo e a xingar todo mundo, mas o empregado disse que ela tinha chegado adiantada e por isso não tinha ido lá na vés. Era uma desculpa esfarrapada, mas... (TOM) Sabe o que é pai, não sabe? Já serviu a desculpa e a brabeza passô. Pedi então pra falá com a Carmela mas ele me disse que ela já tinha ido pra a casa dela. Voltei pra a carroça e toquei pra lá. Deixei otra vez a carroça na esquina e fui batê na porta da casa dela. (segue a narração sem esperar a contra regra).

CONTRA REGRA - BATIDAS NA PORTA.

Bepo - Veio o portero em seguida me atendê.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE.

Porteiro - Que deseja o senhor?

Bepo - (queixoso) Onde está a Carmela que eu tenho umas conta a ajustá com ela e mais o doutor Vittorio?

Porteiro - (protestando) Não, não... espere... O senhor não pode entrar assim.

Bepo - Como ne posso? O senhor sabe com quem está falando?

Porteiro - Não interessa. O senhor tem que me dizer quem é e o que deseja para eu comunicar à patrão. Tem que se anunciar, primeiro.

Bepo - Solta o meu braço e deixa de sê bobo, sen palhaço grande. Me anunciá eu na casa da minha filha? Ora vai tomá banho.



Porteiro - (assombro) Como?... O senhor... o senhor é...

Bepo - (depois de pausa) Sou o pai da Carmela, sim senhor. Bepo Massafferro, porca miséria!

Porteiro - Desculpa, senhor, desculpe. Faz muito poucos dias que cheguei aqui... ainda não conheço quasi ninguém... Tenha a bondade de esperar aqui nesta saleta que eu vou avisar a patrão imediatamente.

CONTRA REGRA - RUIDO DE FECHAR PORTA.

Bepo - (narrando) Ele saiu ágil pra avisar a minha filha e eu fiquei olhando os tapetes... os quadros... a mobília dourada... e os bibelôs tudo que tinha lá espalhado, enfeitando a sala. Tudo muito fino. Uma beleza! Fiquei esperando uns dez ou quinze minutos, até que minha filha apareceu. Tava tão bonita e tão bem vestida a minha Carmela que não parecia gente de verdade. Parecia uma dessas rainhas que a gente vê colorida, nos livros de história das crianças. (TOM) Quando eu vi ela... perdi a fala. Fiquei engasgado. Não sabia se ria... se chorava... se xingava ela porque não tinha mandado notícia... ou se me atirava nos braços dela pra apertar ela num abraço e dar os beijos tudo que eu tinha vontade de dar. Ela me olhou muito séria e me disse assim:

Carmela - (reservada) Alô, papai.

Bepo - (entregando-se) Carmela!... Carmela!... Oh, minha filha!... Quanto tempo que eu não via tu!...

Carmela - (sempre reservada) Como vai de saúde? Bem?

Bepo - Com muita saúde de ti, minha querida. Tanta saúde que nem sei como não fiquei doente por tu tá longe assim tanto tempo!... (Pausa) Por que tu não me avisou que já tinha chegado?

Carmela - Eu ia mandar hoje lá o porteiro, mas acontece que uns amigos do Vitorio vêm hoje aqui jantar com ele e eu fiquei um pouco atrapalhada pra determinar o jantar... a decoração da mesa e etc., e então resolvi que lhe mandaria o aviso amanhã de manhã. Como foi que o senhor soube que eu tinha chegado?

Bepo - A vizinha Engrácia me contou. E tu sabe o que ela disse de ti, minha filha!

Carmela - Escuta, papai: não vás levar a mal mas eu não vou poder conversar contigo hoje. Não demora muito os amigos do Vitorio estão chegando e eu ainda preciso dar uma porção de providências. Passa aqui amanhã, lá



pelas tres ou quatro horas da tarde e aí então tó me contarás o que desejas e poderemos conversar com mais calma. Hoje é impossível por causa de se jantar.

Bepo - Escuita, minha filha: e si eu ficasse tambem para esse jantar, a gente já podia conversá tudo hoje. Eu tenho tanta coisa engraçada pra te...

Carmela - (corta) Não, papai, tó não podes ficar porque essa gente que vem hoje aqui é toda de cerimônia e tó não estás preparado.

Bepo - Por isso, nó. Eu ia digero em casa, botava a roupa que comprei pra o casamento e num instante voltava. A carroça tá ali stras da...

Carmela - (corta) Não, papai, hoje não pode ser. O Vitorio convidou um número muito limitado de amigos, e mess já está posta com todos os lugares setos e tó não podes ficar. Vai para casa e vem amanhã às treis horas como eu te disse.

Bepo - Está bem, minha filha, está bem. É uma pena que o papai no possa ficá! Ele tinha tanta vontade!...

Carmela - Amanhá nós conversaremos bastante.

Bepo - (depois de pausa, narrando) Sai de lá meio desapontado, mas sem querê me rendê a evidencia dos fato. Com certeza ela ia recebê gente muito importante e tava nervosa, e coitadinha. Quando eu ia chegando de volta em casa, já a dona Engrácia tava lá à minha espera. E foi logo perguntando:

Engrácia - E então? Ela chegou ou não chegou?

Bepo - Chegô, sim.

Engrácia - E o senhor falou com ela?

Bepo - Tá visto que falei, óra pomba!

Engrácia - Mas o senhor demorô tão pouco... Que foi que houve?

Bepo - É que ela tava muito atrapalhada com um jantar que ela vai oferecê pras os amigo do marido.

Engrácia - Ah é? E no convidou o senhor?

Bepo - (depois de pausa) Não.

Engrácia - Pois é. Vão o senhor? Viu? É bem como eu tinha disido. É uma verdade dolorosa mas é uma verdade. A sua filha tem vergonha do senhor, visinho.

Bepo - Vergonha de mim? Mas vergonha de que?

Engrácia - Ora, de que?! A sua filha agora é rica e o senhor o que é? Um triste verdureiro. Ela no qué que os amigo do marido veja o verdureiro. Essa é que é a verdade.



Bepo - (Indignado) Eu no quis ouvi mais nada. Uma onza de indignação e de raiva volta-me subiu, rápida, do peito pra a cabeça e eu logo trepei de novo na carrocinha e voltei outra vez pelo mesmo caminho em direção à casa da minha filha. Aquela hora já os convidado d'ivis de té tuão lá e eu, então, comecei a passá pela frente da casa dela, pra baixo e pra cima, apregando bem alto as minha e verdura. (Exegão) "Olha a cinora, olha a vage... o tabaneta, a batata... na carrocinha do Bepo... sempre é bfe o mais baratai... Mais de uma hora eu fiquei cantando na frente da casa dela, andando pra baixo e pra cima. Toda a vizinhança veio pra janela e alguns dizia que eu tinha ficado louco, gritando as verdura só naquele pedaço da rua, e naquela hora da noite. Eu já tava ficando cansado de tanto gritá, quando o portero veio felá cumigo.

Porteiro - Sen Bepo, não faça isso. A sua filha está morrendo de vergonha lá dentro.

Bepo - (Furioso) Vergonha tenho eu do que ela feiz para mim, entendi? Então porque ela se casa com um home de dinheiro, esquece os sacrificio tudo que o pai feiz pra mandá educá ela?

Porteiro - Amanhã o senhor vem sá e discute com ela, mas agora, por favor, se acalma e volte para a sua casa.

Bepo - Não volte e no volte. Vó fió a noite toda andando aqui nesta rua e gritando as minhas verdura.

Porteiro - Não faça isso, por favor!

Bepo - Faça, como nó? Faça. Ela ha de se lembrá, pelo resto da vida, da lição que recebeu do verdureiro por causa da sua ingratião.

Porteiro - Pobre da patrã! Se o senhor visse como ela chora, estirada em cima da casa... o senhor ficaria com pena...

Bepo - (corta) O que? Disse o senhor que ela chora?

Porteiro - Si chora! E são tão fundos os soluços, tão dolorosos e tão sentidos, que eu tomei a resolução de vir pedir ao senhor que fôsse embora.

Bepo - (depois da pausa) Ela chora! A minha filha chora!... Pobre da minha filha! Pobre da minha Carmela!... E sou eu que a faço chorar!... Eu sou um monstro, senhor! Um monstro é o que eu sou. Fazê chorá aqueles filho tão lindo!... (TOM) Volte, senhor, volte presto. Diga pra ela que eu



vô pra a minha casa imediatamente e que ela se perdêse pelo mal que eu fiz pra ela. (Depois de pausa longa, narrando) Voltei pra a casa triz tonho e cabisbaixo a pensá, desolado, em tudo que tinha acabado de acontecer. Eu tinha as vingação da minha filha, mas... de que me tinha valido a vingança si ela em vez de me causá satisfação, tinha ferido muito mais os meus sentimento de pai amoroso! (Pausa) Não valera de nada! Não valera realmente de nada a minha vingança!... (Pausa e tom) E afinal, a culpa daquilo tudo a quem cabia? A minha filha? A minha Carmela? Não. A mim. A mim é que cabia a culpa de tudo, porque eu, com o meu orgulho, a minha ambição e a minha desconfiança vaidosa, tinha achado pouco um caixeiro de venda para marido de minha filha e quasi tinha ficado maluco de alegria quando vi que ela ia se casá com o filho do home mais rico e mais importante da minha cidade. (Pausa e tom) É é por isso que hoje, que já no tenho mais a minha filha e sinto no coração o peso desta solidão terrível que me martiriza, que eu quero dizê a todos os pai que me escuta: olhem sempre as estrela de longe, bem de longe, sem pretendê alcançá elas, porque a sua luz, si a gente procura chegá muito perto, é uma luz muito forte e quasi sempre cega os olho da gente, deixando a gente na escuridão e no abandono. E se Deus Nosso Senhor nos botô nós cá em baixo, na terra, e as estrela lá longe, no céu, é pra que a gente fique cada um no lugar adonde que ~~ele~~ <sup>ele</sup> botô: os pequeno cá em baixo e os grande lá em cima. Foi uma lição difícil que eu aprendi à custa de muitas lágrimas e terríveis desenganos, e uma lição que aprendi tambem muito tarde, quando já não havia mais remédio pra evitá o meu sofrimento. E foi por isso que eu quia contá aqui a minha historia, com a esperança de ~~pudê~~ <sup>pudê</sup> evitá pra otros pai e otras mãe de um dia podê comatê com os seu filho, o erro que eu cometi com a minha Carmela. (Pausa e tom) Peço que todos me desculpe e muito obrigado pela atenção que me dispensaram. Beijo Messaferro um oriado às órde de tutta gente. Tante grassie e buona notte.

OPERADOR - GARAGE BRITICA MUSICAL FORTE PARA ENCHERRAMENTO.